

A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES DO INTERIOR DA BAHIA EM RELAÇÃO ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2012

José Wellington dos Santos Andrade

Psicólogo. Graduado pela Faculdade Santíssimo Sacramento – Alagoinhas – BA. E Aluno da Pós-Graduação em Psicoterapia Comportamental e Cognitiva. FSSS – Alagoinhas – BA (Brasil)

Márcia Grilo

Psicóloga. Formada pela Faculdade Santíssimo Sacramento – Alagoinhas – BA (Brasil)

Rubens Santos Costa

Psicólogo. Formado pela Faculdade Santíssimo Sacramento – Alagoinhas – BA (Brasil)

Tailândia Inis de Souza Santos

Psicóloga. Formada pela Faculdade Santíssimo Sacramento – Alagoinhas – BA (Brasil)

Email:

well.andrade@outlook.com

RESUMO

A presente pesquisa foi elaborada, com o objetivo de identificar a percepção do profissional de educação em relação aos fatores que podem direta ou indiretamente contribuir para a dificuldade de aprendizagem na educação infantil. A amostra foi composta por 51 participantes entre os municípios de Entre Rios, Alagoinhas e Ouriçangas na Bahia, sendo todos professores da rede pública municipal. Foi realizado um questionário estruturado, onde se observou que sobre as dificuldades de aprendizagem 29% dos entrevistados responderam que o fator predominante é a relação familiar conflituosa do aluno; 18% atribuíram a poucos recursos escolares; 14% atribuíram à falta de capacitação do profissional de educação; 24% afirmaram que o fator predominante é a falta de interesse do aluno e 15% atribuíram aos métodos de ensino defasados. Discutiu-se: 1) As interações entre família, aluno, professor e escola; 2) A influência dos fatores sociais e 3) A visão precária do modelo em relação às questões subjetivas do aluno.

Palavras-chave: Educação infantil, dificuldades, aprendizagem.

ABSTRACT

The present inquiry was prepared, with the objective to identify the perception of the professional of education regarding the factors that can straightly or indirectly to contribute to the difficulty of apprenticeship in the childlike education. The sample was composed by 51 participants between the local authorities of Entre Rios, Alagoinhas and Ouriçangas, being all teachers of the public municipal net. A structured questionnaire was carried out, where it was observed what on the difficulties of apprenticeship 29 % of the interviewed ones answered that the predominant factor is the conflict relation familiar of the pupil; 18 % attributed to few school resources; 14 % attributed the lack of training of the professional of education; 24 % affirmed that the predominant factor is the lack of interest of the pupil and 15 % attributed to the methods of teaching out of step. One talked: 1) The interactions between family, pupil, teacher and school; 2) The influence of the social factors and 3) The precarious vision of the model regarding the subjective questions of the pupil.

Palavras-chave: Childlike education, difficulties, apprenticeship.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

É muito comum encontrar escolas e pais que não sabem o que fazer com aquele aluno ou filho que tem certa dificuldade para aprender os conceitos das aulas. Grande parte das instituições de ensino, sobretudo as escolas da rede pública, não contam com serviços de psicólogos ou psicopedagogos para auxiliar esses indivíduos. Em um primeiro momento, podemos analisar superficialmente o problema de aprendizagem como uma dificuldade em absorver informação.

Segundo Azevedo (2014), problemas de aprendizagem são sinais indicativos de que algo não vai bem no aprender ou no ensinar. São comportamentos, atitudes, modalidades de lidar com os objetos de conhecimento e de se posicionar nas situações de aprendizagem que não favorecem a alegria de aprender, a autoria de pensamento, o sucesso acadêmico. Os problemas de aprendizagem

podem ser classificados em sintoma, inibição cognitiva e reativa. Nos dois primeiros casos, as origens e causas encontram-se ligadas à estrutura individual e familiar do indivíduo que “fracassa” em aprender. No último, relacionam-se ao contexto socioeducativo. Ou seja, a questões didáticas, metodológicas, avaliativas, relacionais. É importante salientar que nos problemas de aprendizagem reativos o fracasso escolar pode demandar redimensionamento que englobe desde órgãos superiores responsáveis pela educação no país até as salas de aula. Já nos problemas em que os fatores desencadeantes são externos ao contexto escolar, geralmente há necessidade de uma avaliação especializada para buscar intervenções adequadas.

A sociedade e a família estão em constante processo de transformação, o aluno de hoje é diferente, mas a escola continua com seus métodos de ensino como a décadas atrás. Assim, o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e na sala de aula não está ocorrendo de acordo com as expectativas principalmente dos alunos, a relação familiar, composta por pais e filhos é repleta de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo. Assim, manifestações como a agressividade, a birra, podem surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola. Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, pode ser considerado como indisciplinados. Às vezes, ficam meio confusos frente às atitudes dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros. Se observarmos crianças em que os pais não impõem nenhum tipo de limite (TREVISOL e LOPES).

O rendimento intelectual jamais é independente do desenvolvimento afetivo. Assim como a inteligência, a aprendizagem não é uma função autônoma. As potencialidades que cada criança traz apenas se consolidam em determinadas condições, que estão fortemente ligadas com a qualidade dos intercâmbios com o outro. Como em tudo que se cita à inclusão, são diversos caminhos ainda a serem trilhados, porém devemos compartilhá-los com a família, professores e outros profissionais, para podermos dar conta de todas as dificuldades que rodeiam a criança com dificuldade na aprendizagem. (BARROS, 2014).

Para Tacca e Branco (2008), Enfocar as interações sociais na busca da compreensão de situações nas quais se desenvolve um processo ensino aprendizagem bem sucedido, relacionando isto a processos de significação do conhecimento por parte do aluno, exige que sejam analisados

os aspectos motivacionais que permitem perceber se o aluno está disposto a dar atenção e se empenhar nas atividades propostas pelo professor. Para atingir os aspectos motivacionais do aluno, torna-se imprescindível considerar, na seleção de objetivos, conteúdos, atividades e métodos de ensino, o quanto isso tudo constitui aspectos mobilizadores para eles. Isso inclui observar os alunos em suas características pessoais, o seu grupo sociocultural, buscando integrar os seus valores, crenças e ideais com aqueles pressupostos nos currículos escolares.

Professores atentos, sensíveis, amorosos, estudiosos, éticos, que amam ensinar e aprender têm condições de perceber comportamentos e sinais indicativos de problemas de aprendizagem. Muitas vezes, é na escola que a criança apresenta algum sintoma alusivo a conflitos de naturezas diversas. Em se tratando de problemas de aprendizagem reativos, ou seja, em que as causas são de ordem socioeducativa – falhas ou inadequações no modo de ensinar e intervir –, docentes e demais profissionais da educação e da saúde que atuam nas escolas deveriam ser formados para identificá-los e resolvê-los. No entanto, quando há hipóteses de causas individuais e familiares, o diagnóstico carece de olhares clínicos. Contudo, os professores são importantíssimos no processo interventivo, independentemente do problema. Seu olhar, sua postura, sua afetividade fazem toda a diferença. (AZEVEDO, 2014).

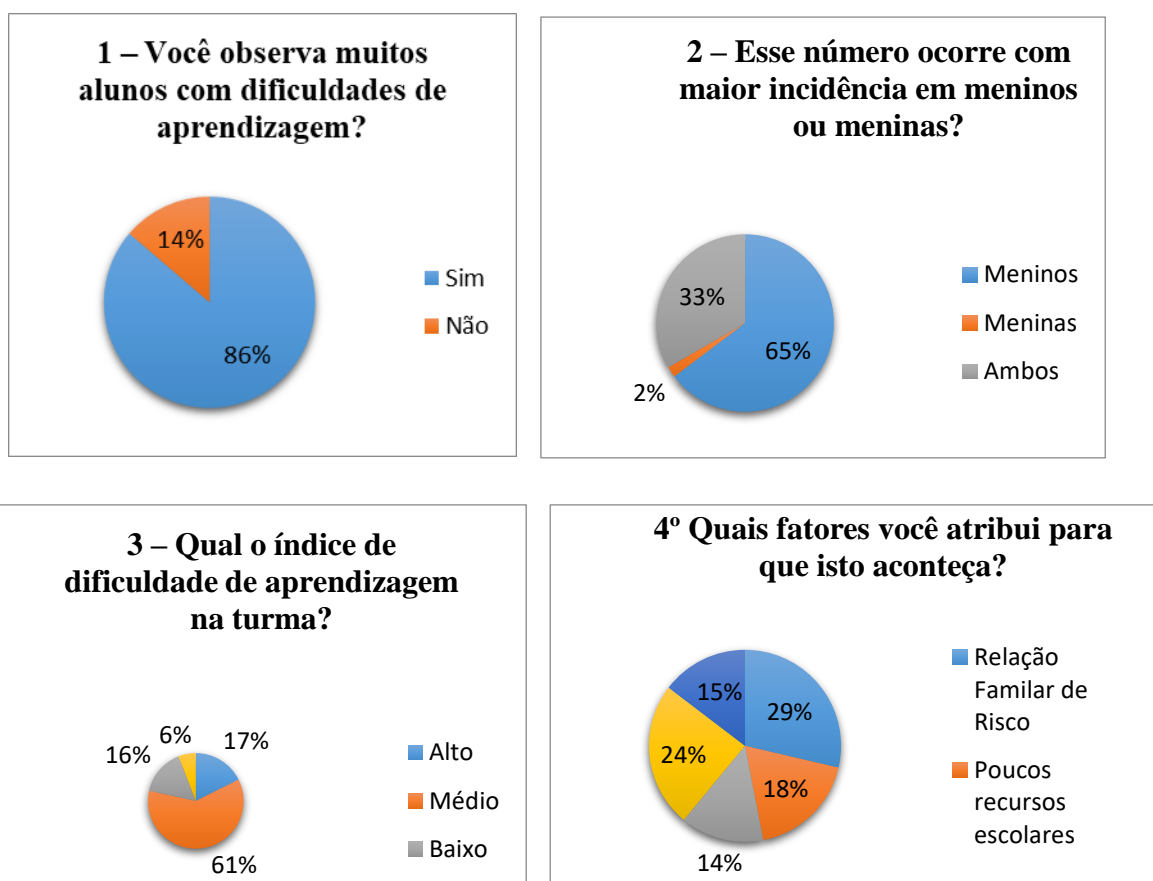
Na realidade, muitas vezes, tanto a instituição escolar como os próprios professores adotam essa postura como um escudo que os protege de ter que refletir sobre a sua própria prática pedagógica e docente, de forma a não precisar encarar seus erros e, assim, não reconhecer que seus princípios e práticas estão embasados em construtos que, apesar de durante muito terem sido considerados como verdades, atualmente são reconhecidas como falhos e necessitando de modificações. Porém, ao invés disso, em geral, a escola e os professores se abstêm e, sendo assim, como já foi dito, buscam responsabilizar, ou até culpabilizar, especialmente os alunos e a sua família, rotulando aqueles como incapazes e esta como desajustada ou degenerada. Nessa perspectiva, os rótulos empregados por professores e instituições escolares na descrição das crianças consideradas como portadoras de dificuldades, problemas ou distúrbios de aprendizagem merecem ser refletidos pelos profissionais da educação, a fim de evitar consequências muito mais danosas aos alunos que são vítimas de tal prática. Pois, estudos revelam que muitos alunos que são diagnosticados como apresentando dificuldades de aprendizagem acabam por desenvolver, a partir desse “diagnóstico”, alguns problemas de cunho psicológico ou emocional: muitos se isolam, têm a sua autoestima e autoimagem abaladas, ficam frustrados, desmotivados e inseguros, desistem de aprender e criam estratégias para evitar a escola, ficando muito propensos ou a serem repetidamente reprovados ou a abandonarem definitivamente os estudos. (FRANÇA e RIBEIRO, 2010).

METODOLOGIA

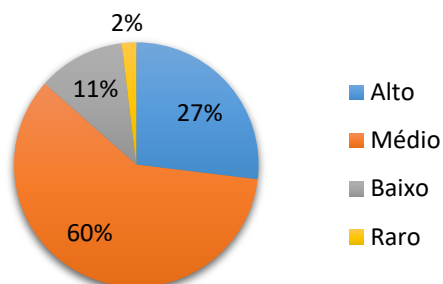
A amostra foi composta por 51 participantes entre os municípios de Entre Rios, Alagoinhas e Ouriçangas na Bahia, sendo todos professores da rede pública municipal.

A coleta dos dados foi realizada em Instituições de Ensino de cada Município, através de uma entrevista estruturada, que se constituiu de um questionário com doze perguntas para investigar qual é a percepção dos profissionais de educação em sala de aula sobre as dificuldades de aprendizagem observadas nos alunos na educação infantil.

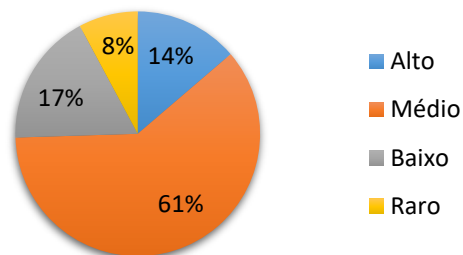
Questionário sobre a percepção dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos



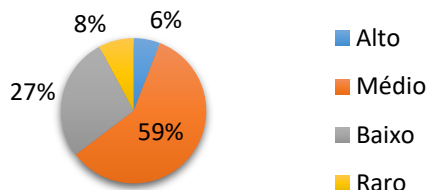
5º Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui à relação emocional, afetiva, etc; entre aluno e família?



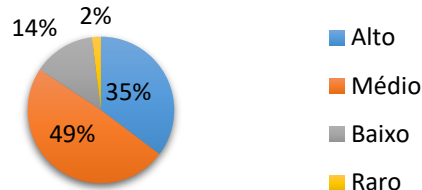
6 – Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui à relação interpessoal entre aluno e aluno?



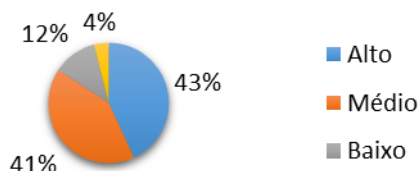
7 – Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui à relação interpessoal e/ou...



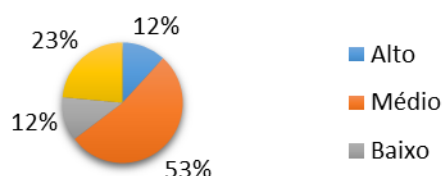
8 – Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui à relação interpessoal e de participação entre família,...

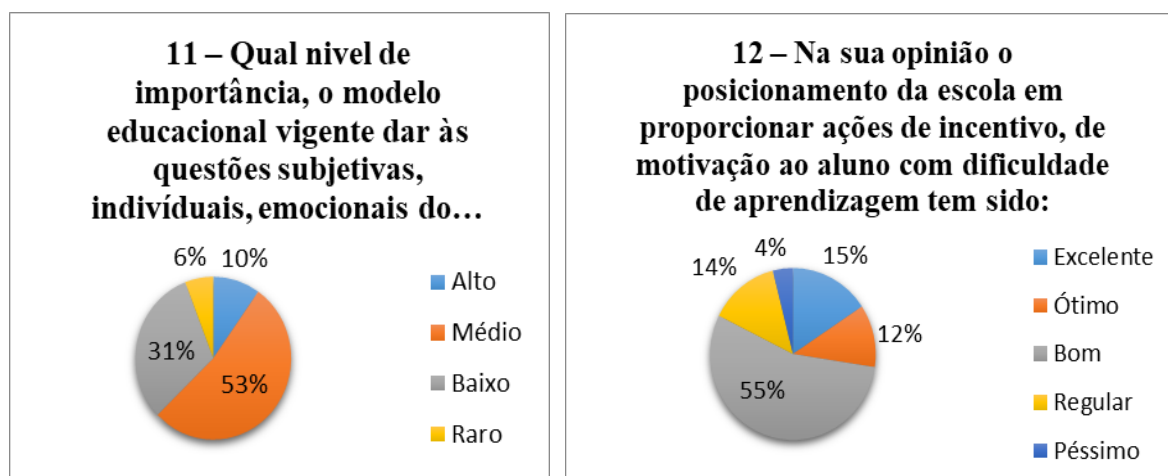


9 – Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui às questões sociais (violência, moradia, laser, etc),...



10 – Sobre a dificuldade de aprendizagem, qual índice de responsabilidade você atribui à históricos de discriminação, preconceito, bullying?





RESULTADOS

A amostra total foi composta por 51 participantes, educadores da rede pública, sendo 18 educadores do município de Entre Rios, 22 educadores do município de Alagoinhas e 11 educadores do município de Ouriçangas.

Observou-se que 86% dos profissionais entrevistados afirmaram detectar no ambiente da sala alunos com dificuldades de aprendizagem, sendo a predominância de ocorrência entre os meninos (65%), comparado às meninas (1%), 33% também afirmaram que não veem diferença entre ambos os sexos. Dentre as principais causas de dificuldade de aprendizagem, 29% dos entrevistados responderam que o fator predominante é a relação familiar conflituosa do aluno, ou seja, famílias que não acompanham o processo de ensino aprendizagem do próprio filho; 18% atribuíram a poucos recursos escolares; 14% atribuíram a falta de capacitação do profissional de educação; 24% afirmaram que o fator predominante é a falta de interesse do aluno e 15% atribuíram aos métodos de ensino defasados.

DISCUSSÃO

De acordo com as respostas que os professores colocaram no questionário, percebemos três aspectos importantes, segundo a observação realizada a partir da percepção dos professores sobre quais seriam os principais fatores que contribuem para a dificuldade de aprendizagem na educação infantil. **Uma delas são as interações entre família, aluno, professor e escola;** estas em muitas ocasiões não se procedem de forma saudável nas relações parentais o que ocasiona muitas vezes

as dificuldade de aprendizagem. Outro aspecto foi **à influência dos fatores sociais**. Vemos aqui falta de recursos, bem como, a dificuldade em manter um nível sociável adequado é também um fator contribuinte para o caso acima já abordado. E, **Uma visão precária dos professores frente aos modelos em relação às questões subjetivas do próprio aluno**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as informações que foram levantadas através das entrevistas com as professoras, bem como a partir de todas as leituras que puderam ser realizadas ao longo da revisão bibliográfica sobre o tema, foi possível refletir acerca do que é geralmente nomeado pelos professores como “problemas de aprendizagem”. Não é possível determinar, a priori, o que é que o aluno vai ou não aprender a partir do que o professor ensina, menos ainda é possível determinar o ritmo em que essa aprendizagem irá ocorrer. Porém, o que muitas vezes acontece é que os professores encaram essa impossibilidade, inerente à atividade de educar, como impotência e, o que pode ser pior, geralmente, esses mesmos professores, por não conseguirem suportar o peso dessa impossibilidade (encarada como impotência), colocam essa impotência do lado do aluno, classificando-o sob o rótulo de “aluno problema”.

É necessário continuar investindo na melhoria da qualidade do ensino em nossas escolas, para isso é fundamental o maior interesse das políticas públicas na educação, incentivando a formação e aperfeiçoamento do quadro docente, além de contar com a participação efetiva da família e da comunidade.

As dificuldades de aprendizagem estão pautadas a aspectos de ordem psicopedagógico, sociocultural e/ou emocional-familiar pelos quais o aluno passa. Portanto, não estão ligadas aos sistemas biológicos, não abrangem um comprometimento orgânico, ainda que intervenham nas probabilidades do aluno aprender, independentemente de suas condições neurológicas satisfatórias. O modo de atendimento que os alunos com dificuldades de aprendizagem carecem receber parte do intento de que, respectivamente, com a dificuldade, ainda, existem probabilidades compensatórias para superar as limitações, e que exatamente são estas possibilidades que necessitam ser compreendidas no processo como sua força orientadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Edu Roberto Cerutti. **Análise da percepção e conhecimento de professores em sala de aula do ensino fundamental em escolas municipais sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.** Frederico Westphalen, 27 de fevereiro de 2014.

FRANÇA, Kenilson Cabral de, e RIBEIRO, Cynara Teixeira. **Percepção dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem. Uma análise crítica das causas e implicações nos alunos da 1ª série do ensino fundamental.** Revista da FARN, Natal, v.9, n. 1/2, p. 85-100, jan./dez. 2010.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron, e LOPES, Anemari Luersen Vieira. **A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação.** USP, São Paulo – SP.

BERGHETTI, Aline e BELLEBONI, Simoni. **Qual o Papel da Escola Frente às Dificuldades de Aprendizagem de Seus Alunos?** Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp72.htm>. Acesso em 16/03/2012.

CARVALHO, Maria Salete Corrêa. **Dificuldades de Aprendizagem.** Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/dificuldades-de-aprendizagem-1228106.html>. Acesso em 16/03/2012.

BEAUCLAIR, João. **O que é a Psicopedagogia?** Rio de Janeiro, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** 27 ed, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 2 ed. São Paulo: Olho Dagua, 1993.

SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem: um encontro D'EUS**. Rio de Janeiro, Caravansarai, 2003.

AZEVEDO, Simone Maria de. **Dificuldade de aprendizagem requer avaliação especializada**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/dificuldade-de-aprendizagem-requer-avaliacao-especializada>. Acesso em: 23/08/2015.

ANEXO

QUESTIONÁRIO SOBRE A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ENFRENTADAS PELOS ALUNOS

1 – VOCÊ OBSERVA MUITOS ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

SIM () NÃO ()

2 – ESSE NÚMERO OCORRE COM MAIOR INCIDÊNCIA EM MENINOS OU MENINAS?

MENINOS () MENINAS ()

3 – QUAL O ÍNDICE DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA TURMA?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

4 – QUAIS FATORES VOCÊ ATRIBUI PARA QUE ISTO OCORRA?

RELAÇÃO FAMÍLIA DE RISCO () POUCOS RECURSOS ESCOLARES () FALTA
CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR () DESINTERESSE DO ALUNO () MÉTODOS DE
ENSINO DEFASADOS () TODAS AS ALTERNATIVAS ()
OUTROS _____

5 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI À RELAÇÃO EMOCIONAL, AFETIVA, ETC; ENTRE ALUNO E FAMÍLIA?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

6 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI À RELAÇÃO INTERPESSOAL ENTRE ALUNO E ALUNO?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

7 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI À RELAÇÃO INTERPESSOAL E/OU EMPÁTICA ENTRE ALUNO E PROFESSOR?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

8 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI À RELAÇÃO INTERPESSOAL E DE PARTICIPAÇÃO ENTRE FAMÍLIA, PROFESSOR E ESCOLA?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

9 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI ÀS QUESTÕES SOCIAIS (VIOLENCIA, MORADIA, LASER, ETC), ECONÔMICAS, CULTURAIS, ETC?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO ()

10 – SOBRE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, QUAL ÍNDICE DE RESPONSABILIDADE VOCÊ ATRIBUI À HISTÓRICOS DE DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO, BULLYNG?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO () NÃO OCORRE ()

11 – QUAL NIVEL DE IMPORTÂNCIA, O MODELO EDUCACIONAL VIGENTE DAR ÀS QUESTÕES SUBJETIVAS, INDIVÍDUAS, EMOCIONAIS DO ALUNO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

ALTO () MÉDIO () BAIXO () RARO () NÃO OCORRE ()

12 – NA SUA OPINIÃO O POSICIONAMENTO DA ESCOLA EM PROPORCIONAR AÇÕES DE INCENTIVO, DE MOTIVAÇÃO AO ALUNO COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM TEM SIDO:

EXCELENTE () ÓTIMO () BOM () RUIM () PÉSSIMO ()